

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 150

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignantos tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º ANNO

A QUESTÃO CLERICAL

O duque de York, proclamado rei, pela morte de seu irmão, sob o nome de Jacques II, concluiu o trabalho de reacção religiosa e politica iniciado pelo primeiro dos Stuarts. Esta abominável familia nunca teve outro fim senão proclamar o absolutismo e restabelecer o papismo.

Jacques II começou logo por ir á missa, publicamente, e por mandar um embaixador especial a Roma. As perseguições aos liberais redobram de actividade e violencia, uns submettidos á tortura, outros mortos no cadafalso, outros assassinados nas ruas. O conde de Argyle, condemnado á morte tres annos antes, como já referimos, evadindo-se na véspera da execução, voltando á Escocia, ido da Hollanda onde estava refugiado, foi apanhado no momento em que tentava sublevar os escossez e executado em Edimburgo.

Tendo o duque de Mounmouth desembarcado em Inglaterra com um pequeno exercito para destronar Jacques II, e tendo sido vencido, não houve crueldade a que os papistas se não entregassem para satisfazer a sua vingança.

Mounmouth, que fôra feito prisioneiro, recorreu a todas as baixezas para salvar a vida. Obteve uma audiência de Jacques II, depois de muito supplicar. Deitou-se aos pés do rei, chorando. O rei pareceu inclinar-se para o perdão. Deixando entrever uma esperança ao covarde duque de Mounmouth, levou-o a declarar por escripto que era falso o casamento secreto de sua mãe com Carlos II. Mounmouth disse tudo e escreveu tudo quanto quiz Jacques II. E este, obtido quanto desejava, mandou cortar a cabeça ao infeliz!

Tinham chegado a Londres, prisioneiros, dois companheiros do conde de Argyle. Um era um fidalgo escossez, chamado Colchrane. Outro, um pastor protestante de nome Ayloff. O primeiro obteve a vida á custa de sommas enormes com que sua familia comprou os padres de maior influencia junto do rei. O segundo foi decapitado. O rei dissera-lhe: « Bem sabeis que está na minha mão perdoar-vos. Fazei por o merecer com as vossas denuncias. » Ayloff respondeu altivamente: « Bem sei que está na vossa mão perdoar-me, mas não está na vossa indole. »

Rumbald, outro escossez apanhado com o mesmo conde de Argyle, instado tambem para fazer denuncias, respondeu: « Não tenho odio á realza; mas não

acredito que Deus creasse a especie humana com sella nas costas e freio na bocca, para poder ser montada e esporeada por meia dúzia de privilegiados. » Esta resposta levou-o á forca.

Quanto ás populações que mais ou menos acompanharam o duque de Mounmouth depois do seu desembarque, não houve infamia a que se não recorresse para as castigar.

Foi enviado contra ellas um commissario especial, Jeffryes, acompanhado d'um corpo de tropas ás ordens d'um tal Kirk. Este mariola dava grandes jantares aos seus officiaes. A sobrezeza, todos bebidos, faziam enforcar os prisioneiros, entre gritos de alegria e saudes ao rei e á rainha. O estrebuchar dos infelizes provocava grandes gargalhadas entre os convivas.

Ao mesmo tempo que o tal Kirk procedia d'esse modo, fazia Jeffryes vir á sua presença todos os individuos suspeitos, da classe civil. Raro era aquelle que elle deixava retirar com vida. Fez morrer d'essa fórma mais de seis centos homens.

As proprias mulheres não escapavam. Todas aquellas que, pela sua caridade, acolheram um ou outro desgraçado fugitivo, foram condemnadas á morte. Entre ellas, duas notaveis. Uma, muito conhecida em Londres pelos socorros que prestava aos perseguidos de todas as religiões e de todos os partidos. Foi queimada viva. Outra, saliente pelo logar que occupava na alta nobreza, lady Lisle, viuva de lord Lisle, assassinado pelos papistas na Hollanda. Foi tambem condemnada ao fogo. Mas Jacques II houve por bem conceder-lhe a graça de ser decapitada.

O rei contava todas estas atrocidades aos embaixadores estrangeiros, e ria-se, com satisfação, do que elle chamava a *campanha de Jeffryes*.

Comtudo, não se atrevia ainda o salteador a substituir oficialmente á religião protestante pela religião papista. Acabava de ser revogado em França o edito de Nantes. Os protestantes fugidos d'este paiz acolhiam-se á Inglaterra contando verdadeiros horrores. As provincias do sul da França eram theatro de atrocidades sem nome. Os campos, as cidades, invadidas pelas tropas de Luiz XIV, acompanhadas de jesuitas, eram entregues á devastação e ao sangue. As casas dos protestantes queimadas. As estradas e ruas cheias de cadáveres insepultos por serem de *creaturas sem fé*, mortas na *penitencia*. Os conventos, transformados em prisões, estavam cheios de mulheres e de raparigas, que torturavam horrorosamente para as converter á *santa*

religião. N'outras, satisfaziam os soldados e os padres desejos brutos. Um horror!

Estas noticias eram levadas á Inglaterra pelos francezes emigrados, produzindo uma grande excitação. Jacques II, receoso, não se atrevia a proclamar oficialmente o papismo como religião do estado. Até teve a hypocrisia de censurar Luiz XIV, considerando a revogação do edito de Nantes um acto *anti-christão* e impolitico.

Porém o hypocrita augmentava, ao mesmo tempo, o exercito, collocando-o nas mãos de officiaes abertamente conhecidos pelo seu paupismo á *outrance*. Abrindo-se o parlamento n'essa occasião, Jacques, no discurso da corôa, confessou a necessidade do augmento da força publica e declarou que se não cumpria as leis relativamente aos officiaes papistas era porque estes eram pessoas da sua maior confiança, indispensaveis em occasiões de perigo como aquelle.

Ora não havia perigo nenhum. As revoltas tentadas por Argyle e Mounmouth estavam vencidas e aniquiladas. Portanto, a intenção do rei era preparar-se para esmagar as liberdades publicas.

O parlamento assim o comprehendeu e surgiram no seio d'elle resistencias, apesar do rei ter preparado as eleições de fórma tal que a grande maioria dos eleitos lhe fossem favoraveis.

Foi a camara alta a primeira a protestar. O duque de Dewnsbire declarou que era preciso agradecer ao rei a sua franqueza, por ficarem sabendo as intenções do seu governo. O bispo de Londres disse que em nome de todos os pares ecclesiasticos protestava contra a violação das leis. Lord Mordant, lord Nottingham, lord Halifax falaram no mesmo sentido, mas com mais energia. O chanceller Jeffryes, o cruel assassino que se viu atraz, respondeu com insolencias. Mas os pares impozeram-lhe energeticamente o respeito devido á camara e o mariola teve de se calar, porque, desde que não dizia insolencias, nada mais sabia dizer.

Na camara baixa o debate foi mais profundo e animado, (1) como veremos no artigo seguinte.

Mais uma vez entrava a nação ingleza no caminho revolucionario.

AO NORTE

A este nosso presadissimo collega agradecemos as palavras de affecto e leal camaradagem que nos tem dirigido.

(1) Vamos seguindo e resumindo a *Histoire de la contre-révolution en Angleterre sur Charles II et Jacques II*, por Armand Carrel.

O SENHOR DOUTOR

No domingo á noite, seriam quasi sete e meia, andava o nosso amigo Manuel Christo a passear debaixo dos Arcos, quando se lhe approximou o dr. Joaquim de Mello Freitas dizendo: « Seu irmão continúa a insistir em que eu e meus primos o ferimos por as costas e é preciso que v. lhe escreva a dizer-lhe que não o ferimos por as costas. »

O sr. Manuel Christo, longe, aliás, da idéa d'uma tentativa de aggressão, respondeu simplesmente: « Pois então como fui eu ferido senão pelas costas? »

« Ai sim, replicou Mello Freitas, então toma. » E chegou-lhe a mão á cara.

O sr. Manuel Christo repelliu a aggressão á bengalada, ferindo o doutor na cabeça.

O sr. Manuel Christo ficou illeso. Não dizemos isto por farronada, mas com o unico proposito de narrar os factos com rigor. Bem podia não ficar illeso sem que os seus brios soffressem com isso o minimo abalo.

O sr. doutor, que tambem estava armado de bengala, foi curar-se a uma pharmacia proxima.

Parece que o excellentissimo senhor, doído, emfim, da accusação de covardia, quiz mostrar que não era. Não sabemos se o mostrou. O que continuou mostrando foi toda a repugnancia do seu procedimento, por isso que a sua attitude deante do sr. Manuel Christo foi indigna, simplesmente. Era uma provocação em fórma, condemnada pelos principios mais rudimentares do cavalheirismo. Se o sr. Mello Freitas queria desmentir o sr. Homem Christo, que se lhe dirigisse pelos meios que quizesse. Desde que o sr. Homem Christo assumia abertamente a responsabilidade das suas palavras, a elle e só a elle qualquer, que se julgasse offendido, se deveria dirigir.

Tudo o que não fosse isto, seria uma manifesta indignidade e julgamos que não haverá duas opiniões a tal respeito entre gente que se preze.

De resto, é rigorosamente verdadeiro ter o sr. Manuel Christo sido ferido pelas costas no dia 20 de Julho de 1884. Atacado por tres, lançava as mãos ao pescoço d'um quando os outros dois lhe descarregaram duas bengaladas pelas costas. O sr. Manuel Christo voltou-se, arrancou as bengalas das mãos dos dois, porque a d'elle tinha-se quebrado, e talvez ainda os pudesse castigar se a turba-multa dos balcões, sempre a mesma, não tem apparecido, impedindo-o.

Esta é a rigorosa verdade. D'essa mancha nunca o sr. Mello Freitas se poderá lavar na sua vida, faça o que fizer.

O sr. Manuel Christo foi ferido pelas costas. Assim, mesmo, se comprovou judicialmente, e só pela covardia da aggressão o juiz de direito d'essa epocha, Eugenio da Costa e Almeida, homem respeitado por toda a magistratura portugueza, applicou, tendo presenciado tudo da sua janella, 15 dias de cadeia, não remiveis, aos aggressores.

E' a verdade. E nada mais temos a dizer sobre o assumpto, senão que dei-

xamos sobre os desordeiros da localidade toda a responsabilidade do que possa succeder.

Desde que em Aveiro persistem os processos de bandidismo vamos-nos serenamente, mas resolutamente, preparar para tratar como bandidos todos os aggressores que nos apparecerem pela frente.

Medo, não nos mettem, nem coisa que se pareça.

Dr. Carlos Braga

Na quarta-feira passada tomou posse do logar de governador civil d'este districto, cargo para que ultimamente foi nomeado, o distincto advogado bracarense, sr. dr. Carlos Braga.

Ao acto assistiram, além dos empregados, muitas pessoas de representação.

OUTRA CURIOSIDADE

Já vimos como o illustre cidadão do chicote imaginava dirigir-se ao Carranca, quando, ha dezoito annos, escreveu no *Districto as valentias* que os leitores já conhecem. Já vimos como o Carranca classificava a aggressão feita ao sr. Manuel Christo e como apreciava os artigos do sr. Homem Christo. Pois agora saiba-se mais isto: no dia em que o sr. Manuel Christo foi atacado, estava para ser assaltado, pelos amigos do sr. Jayme de Magalhães, o « Campeão das Provincias », assalto que só se não realisou por causa do conflicto fundado no artigo do « Povo de Aveiro », como este jornal referiu em 19 de outubro de 1884.

Hoje, Carranca, Jayme Lima, « Campeão das Provincias », etc, estão unidinhos para a vida e para morte.

Infanteria 24

Dizem-nos que o estado d'este regimento é excellente, sob todos os pontos de vista.

Muito estimamos e não lhe regatearemos applausos na primeira oportunidade.

PULHAS

Como vimos, *Cabecinha* não representa coisa nenhuma na *Vitalidade* e foi um pau mandado dos francaceos. A conducta indigna do padre Vieira, diga elle o que disser, está frisantemente accentuada. *Cabecinha* comprou a *Vitalidade* ao Réles de Meirelles, por 200:000 réis, ao que parece. Pelo menos, foi esta a quantia que *Cabecinha*, sob fiança do sr. dr. Alvaro de Moura, levantou na *Caixa Economica*, no acto da compra.

A *Vitalidade* deu perda e Ca-

AOS SALTEADORES DA MINHA TERRA

AINDA UMAS PALAVRAS

Era o sr. dr. Joaquim de Mello Freitas, 1.º official do governo civil de Aveiro, gloria e lustre da sua terra, na opinião de *Liliputs*, *Mijareta* e imbecis da mesma força, a covardissima creatura que, com mais dois, me procurava, ás 10 horas da manhã, no hotel *Cysne do Vouga*, onde eu estava hospedado, do dia 20 de Julho, um domingo, de 1884, para me pedir a responsabilidade do artigo que eu escrevera em resposta áquelle em que o illustre cidadão provava que era democrata por ter casado com a filha d'um sapateiro e por tirar o chapéo a quem lh'o tirava a elle.

Era o sr. dr. Joaquim de Mello Freitas, litterato auctor das *Garatujas*, o heroico descendente do *Roupinho* que, não me tendo encontrado, por eu ter sahido a passear, mas encontrando um irmão meu, que subia as escadas do mesmo hotel, a este se atirou, com os dois, pelo simples facto de ser meu irmão, para vingar n'elle a troca que eu fizera, ousadamente, á sua aristocracia, democratizada no casamento com a filha do sapateiro.

Era elle.

E' elle.

Não o quiz dizer por sentimento de generosidade, digno de menção, por isso que se em Aveiro todo o mundo sabia que era a elle que eu me referia, fóra de Aveiro todo o mundo o ignorava, e se, fóra de Aveiro, ninguém é capaz de reter por um segundo o nome de Joaquim de Mello Freitas como auctor das *Garatujas*, a não ser qual outro Rosalino ou Jayme José Ribeiro de Carvalho, muita gente seria capaz de decorar o nome Joaquim de Mello Freitas como auctor de canalhices, porque n'isto é grande, é insigne.

Eu praticava, pois, um acto de generosidade, occultando o nome do glorioso filho de Aveiro.

Joaquim de Mello Freitas, porém, não m'o agradeceu. Tão pouco, que atacou meu irmão segunda vez por um artigo assignado por mim, de que eu tomava, novamente, como se viu, a mais completa, a mais ampla, a mais aberta responsabilidade.

Ás 7 1/2 horas da noite de domingo ultimo, 26 de Janeiro de 1902, Joaquim de Mello Freitas, gloria patria, repetiu a canalhice das 10 horas da manhã do dia 20 de Julho de 1884.

A canalhice. A covardia, não. Desta vez agrediu pela frente e sósinho. Levou 48 annos a preparar-se para esse acto de coragem. E' um progresso muito lento. Mas é um progresso, em todo o caso. Registe-se.

Em 1884 foi covarde e canalha. Em 1902, foi canalha, unicamente. Admittindo a hypothese de que ha só canalhice, sem haver covardia, na circumstancia de um sujeito pedir a um terceiro a responsabilidade d'aquillo que pertence a um segundo.

Na melhor hypothese: que canalha!

Estou eu tão longe que não possa ser facilmente procurado? Que ordinarrissimo canalha!

De resto, eu não me admiro. Este foi sempre assim. E os outros, os *Cabecinhas* varios, são a mesma coisa. Já o disse. Já o provei. E ainda bem que os factos veem, de novo, em reforço das minhas palavras.

Não ha duvida. Aveiro nobilita-se.

E nobilita-se tanto mais quanto é certo este Joaquim de Mello Freitas ser uma gloria authentica da terra, como tal querido e apregoadado na cidade.

Como poeta tem versos d'estes:

O lyrrio ri junto á bonina
Só de raiva a minha alma abdica, pasma
Porque a tristeza famulenta traz-n'a
Nas duras garras d'ave de rapina.

Não são versos de gloria?
Ninguém pôde duvidar.
São de soneto.

Agora estes, que são de necrologio:

O sacristão boqueja em alinhavo
Lascivo encomio
E o padre não só diz latim maseávo
Mas até come-o.

Como se vê, isto faz a gloria d'uma terra. Aveiro é grata e é grande considerando o dr. Joaquim de Mello Freitas um verdadeiro talento, a mais pura e genuina das suas actuaes glorias. E o *Cabecinha*, que é o panegyrista d'estas glorias todas, o *Cabecinha*, que sente os nervos *torcidos n'uma aspera allucinação do cerebro*, o *Cabecinha*, que diz que «a restauração de 1640 é uma pagina de heroes, balsamo delicioso, profundamente benefico, que vale bem todos os canticos de uma poesia infinita, as estrophes divinissimas de Camões», o *Cabecinha*, que, além de illustre litterato é o illustre pulhasita que já se viu, é um panegyrista condigno, um panegyrista á altura, e tem carradas de razão, outra vez lh'o digo, quando me chama burro a mim e quando apregoa que não tenho sympathias nenhumas em Aveiro.

Apoiado, apoiado. Muito bem. Muito bem. E' isso mesmo.

Aveiro admira, ama e applaude mas é o auctor das joias litterarias que abi ficam esculpidas e de tantas outras da mesma grandeza e primór.

Porque nós só vimos o homem poeta. Falta vê-lo prosador e orador.

Querem umas amostrinhas de boa prosa?

Ahi vão.

«A Inglaterra, a *Deusa dos Mares*, tal e qual como a barcassa de banhos d'este nome, está immobilizada ao pé do canal da *Mancha*, e este nome parece indicar que aquelle paiz é que é a *mancha* do canal.»

Em Aveiro chamam-lhe *espirituoso*. E admiram tanta graça e espirito!

«Roncando como um monstro marinho a Inglaterra *empavezou-se* e mergulhando e resfolegando estrepitosamente refugiou-se no gelo de muitas transacções ao passo que fazia um grande barulho d'arsenaes com o seu microscopico exercito e o seu credito de onze milhões de libras.»

Marechal de Liliput abre os olhos e fica boquiaberto deante de tanto talento!

«Uma nação está decadente quando a civilização lhe pára nos vedados termines, sem ousar transpôr as fronteiras, porque um anjo guardião de espada flamejante lhe veda o accesso, não longe das circumstancias com que Milton pinton, a largas tintas, a apostura de archanjo S. Miguel expulsando Adão e Eva, nos seus avós biblicos, do Eden terreal.»

Mijareta lê isto e confessa que, realmente, Joaquim de Mello Freitas merece a apothose da cidade.

«O *Primeiro de Janeiro* de terça-feira trazia um artigo de fundo embravecido, a proposito da bandeira hasteada pelos retalhos do partido progressista, invocando todos, excepto aquelle jornal, o nome de Passos Manuel para justificarem a pureza das suas intenções philosophicas e praticas, especulativas e de acção, propondo-se todos a reorganizarem os serviços publicos e trazerem o paiz aos moldes puros d'um parlamentarismo são até ao ponto de fundarem sólidamente o imperio do desinteresse, da abnegação, da candura, e até da ingenuidade, que tudo isto foi o espelho em que se remiram, o sympathico vulto da nossa historia da liberdade, o iniciador da revolução de Setembro—Passos Manuel.»

Como se vê, fulgura o talento em cada linha!

«A exploração d'esta phrase em crouquettes, em filetes, em cabedellas, salchichas, pasteis e gelados tem dado materia para muitos jantares diplomaticos e para varios artigos de fundo...»

Em balde as hospedarias da opposição se esmeram nos acepipes, gastando molhos aromaticos, condimentos energicos, coloral, espargos, tubaras e alcarras.»

A mania d'este bacharel é ser espirituoso. Como tal a cidade o proclama e aclama.

E, todos hão de concordar, é espirituoso!

«Olá srs. hospedes, viajantes, exilados, internados ou emigrados apertem as fivelas da mala e saíam da ingrata hospedaria pelo caminho do Atlantico, senão preferem capitular entre os braços das autoridades suas patricias, que estão saudosas de lá os apañarem.»

E' espirituoso, isso é.

«No meio d'esta *desconsolação* geral quem se pôde rir são os *consulados* estrangeiros. Este gongorismo cabiu-me agora mesmo do bico da penna e dão-se alviças a quem o agarrar á unha ou a dente.»

Isto é d'uma *poesia infinita*, como diz o *Cabecinha*, panegyrista das glorias aveirenses.

«Ao pé das flôres (a proposito d'um banquete progressista no Palacio de Crystal) postas na mesa por Jeronymo Monteiro da Costa, e das postas de carne fumegante, e trépida, a oratoria intrépida dos convivas jurou fintar-se em civismo para derrotar a hydra—o *deficit*, e derribar á funda com os melhores seixos do surrão o gigante philisteu do ministerio, o tal menino da corôa de bicos, que tem por semelhança posto em balanços a corôa, gasto muitas meias corôas, e augmentando os innumeraveis bicos das nossas inconsuteis receitas.»

Que mais querem?

Vá lá só este bocadinho de poesia sublime:

«As montanhas e os outeiros são nada na curva da terra, e tu (ó mortal) nada és perante a avalanche que se desprende dos cumulos da neve. Fuzila na região o raio pavoroso, e os lobos descem sobre as ovelhas. Mas o fogo do céu estrangula o innocente e poupa o culpado, mas não são as ovelhas que atassalam os lobos.»

Mijareta, *Liliput*, *Caganifancia*, *Carrapitalinho*, *Bicheza*, *dr. Moliço*, *dr. Muleta*, *Rêles de Meirelles* e *Cabecinha* teem razão.

Aquillo é a honra e o lustre d'uma terra!

Quem quizer acabar de se confirmar leia os numeros do jornal *A Epocha*, fundado expressamente para me *anniquilar*, como *O Artista* mais tarde, anniquilamento que a *Vitalidade* vae agora completar. Leia a *Epocha*, leia os discursos funebres publicados nos periodicos da terra, e leia um livro de versos, que traz isto na capa

GARATUJAS

POR

Joaquim de Mello Freitas,

Bacharel formado em Direito,
Socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa, Socio fundador da Associação dos Jornalistas e Escriptores portugueses

E

MAIS NADA.»

E mais nada. E' uma censura indirecta ás injustiças nacionaes, e tem razão. Sendo bacharel formado em direito, litterato e canalha, devia ter sido, pelo menos, conselheiro

Lá isso, justiça lhe seja feita. E eis aqui o querido da minha

becinha declarou um dia que não queria continuar com o periodico. Padre Vieira voltou-se para o sr. dr. Alvaro dizendo que tinha pena *d'aquillo* acabar e que seria melhor ficarem os dois com o papel. O sr. dr. Alvaro annuiu e seguiu-se o mais que narrámos no numero passado.

Esta é a verdade, que o sr. dr. Alvaro não hesita em confessar a todo o mundo.

Ficou, pois, o jornal sendo do sr. dr. Alvaro e do padre Vieira, o que não impediu que o mesmo padre hostilizasse o sr. dr. Alvaro quando quiz. Então, não se prendia com questões de propriedade e atacava o verdadeiro proprietario. Agora, dá como pretexto da sua *neutralidade*, que, aliás, ninguém lhe pediu e nem sequer insinuou, uma propriedade que não existe. Mais: que representa uma verdadeira burla. Porque a verdade é que padre Vieira e *Cabecinha* aproveitam-se da circumstancia de não existir documento de venda para ássim procederem com aquelle senhor, de uma maneira indigna. Hostilizaram-n'o no proprio periodico que era, em parte, propriedade sua. E agora declaram que tal propriedade nunca lhe pertenceu.

Salteadores da minha terra, chamou o sr. Homem Christo ao bando de infames que por aqui eixameia. E nunca houve nome mais apropriado. Salteadores em tudo e por tudo. Homens sem pudor e sem vergonha.

Politicamente mesmo, que representa essa *Vitalidade* senão um connubio indecente?

O sr. Mattoso, que se diz progressista, desacata completamente em Aveiro a direcção politica de seu proprio irmão e põe-se ao lado dos francaceos. Jayme de Magalhães Lima, que é francaceo, aceita todas as imposições do sr. Mattoso, que é progressista. Padre Vieira, que sempre foi tido por creatura de Jayme de Magalhães Lima, declara um dia que recebe na *Vitalidade* conselhos do sr. Mattoso, como receberia ordens, se elle lh'as desse. A *Vitalidade* é, pois, do sr. Mattoso, é, pois, de Jayme de Magalhães Lima, é, pois, do padre Vieira, mas n'um momento dado deixa de ser de todos para voltar a ser do *Cabecinha*, do *Cabecinha*, que não tem politica, do *Cabecinha*, que tinha vendido aquillo que, no tal momento dado, volta a pertencer-lhe de novo.

Pois isto não é baixo e indecente? Haverá um homem sério em Aveiro, um homem de consciencia, que não concorde plenamente na baixesa d'isso tudo?

Quem é que manda arremessar lama ao sr. Homem Christo? Quem?

Aquelles que teem demonstrado sempre a mais absoluta falta de caracter.

O que vale em Aveiro a politica representada pela *Vitalidade*?

Vale isto: o sr. Mattoso, progressista, combatendo o sr. Albano de Mello, progressista. Barboza de Magalhães, progressista combatendo o sr. Albano de Mello, progressista. O sr. Mattoso, progressista, apoiando Jayme de Magalhães Lima, francaceo. Barboza de Magalhães, progressista, apoiando Jayme de Magalhães

Lima, francaceo. Jayme de Magalhães Lima, francaceo, declarando que aceita ordens do sr. Mattoso, progressista. Carranca, hintzaco, de braço dado com o sr. Mattoso, progressista e com Jayme de Magalhães Lima, francaceo. Marechal de Liliput, republicano, creado de servir de Jayme de Magalhães Lima, francaceo. *Mijareta*, republicano, estribeiro de Jayme de Magalhães Lima, francaceo. E assim por diante. E todos elles engraxando ignobilmente as botas de todos quantos apparecem em Aveiro com algum poder, todos elles d'um servilismo repugnante deante do sr. Mattoso, que é o mais forte d'elles todos.

O servilismo mais abjecto, mais nojento, mais improprio de homens que se pôde imaginar. Arre, bandalhos.

O sr. Homem Christo esteve sempre onde está, foi sempre o que é.

Arre, bandalhos.

O sr. Homem Christo defendeu sempre os mesmos principios, usou sempre dos mesmos processos, teve sempre a mesma linha de conducta, procedeu sempre com a nobre independencia d'um homem.

Arre, bandalhos.

Haveis d'emmudecer á força de vos fustigarem a cara com a verdade e com a justiça.

Melhoramentos

Consta-nos que a nova camara d'este concelho pensa fazer grandes melhoramentos n'esta cidade.

Além d'outros, parece que vae mandar abrir duas ruas, uma do Jardim Publico á rua do Espirito Santo e outra da rua de S. Roque ao Largo da Vera-Cruz.

Escrevem-nos a perguntar-nos se o dr. Moliço tambem dirigiu injurias ao sr. Homem Christo por ser proprietario da *Vitalidade*.

Respondemos:

Parece que sim!

CARTA

De Ignotus, o caridoso anonymo que no anno passado, durante o carnaval, andou pelas casas publicas e particulares a angariar esmolos para os pobres da cidade, recebemos a carta seguinte, cuja leitura recommendamos aos nossos assignantes e amigos:

... Sr. redactor.

Como vou encetar a minha tarefa de beneficencia, na presente epocha carnavalesca,—o peditorio para os pobres envergonhados de Aveiro,—além de esperar o favor publico, espero tambem a coadjuvação de V. Ex.ª, nas columnas do seu jornal, não só pela publicação d'estas e outras linhas, como pela propaganda d'essa folha, em prol dos desfavorecidos fortuna.

Immensamente grato se confessa o

De V. etc.

IGNOTUS.

Festividade

Na igreja parochial da freguezia da Vera-Cruz festeja-se hoje, com grande pompa, a solemidade annual em honra da Senhora da Apresentação.

Assiste a orchestra do nosso amigo sr. João Pinto de Miranda.

terra, aquelle que, pela segunda vez, pede a meu irmão a responsabilidade dos artigos assignados por mim.

Da primeira vez disse-lhe n'uma carta, e pessoalmente, que ia escrever um artigo contra elle. Escrevi e assignei. Horas depois assaltava meu irmão, acompanhado por dois indivíduos, como se meu irmão fosse o responsável pelo artigo publicado.

Escrevi-lhe, em seguida, a carta publicada no n.º 143 do *Povo de Aveiro*, de 19 de Outubro de 1884, carta em que lhe chamava o *couarde mais pulha, mais indecente e mais baixo* que tinha encontrado na minha vida. Intimado eu, oficialmente, a sair de Aveiro, para que elle ficasse em paz, mandei-lhe, á despedida, o bilhete de visita publicado no mesmo numero 143 do *Povo de Aveiro*, bilhete em que lhe dizia que lamentava sair de Aveiro sem ter tido occasião de lhe *escarrar na cara*.

Dirigindo-me elle mais tarde umas injurias, na tal *Epocha*, encarreguei, em Lisboa, dois amigos de lhe pedirem a responsabilidade d'essas injurias. Respondeu—tudo se pôde ver nos documentos publicados no n.º 172 do *Povo de Aveiro*, de 31 de maio de 1885—que «dos artigos publicados no seu jornal e que não fossem assignados só se tomava a responsabilidade legal.» Depois d'isso viu-me muitas vezes em Aveiro, sem nunca se me dirigir. Agora, torna a pedir a meu irmão a responsabilidade d'aquillo que eu assignei com o meu nome. Elle, que dizia que dos artigos publicados no seu jornal, e que não fossem assignados, só se tomava a responsabilidade legal!

Pois isto não é um pulha? Pois Aveiro, onde taes factos se passam com applauso, não é uma terra ignobil?

Esse pulha e os outros que eu já descrevi não são a vergonha d'uma terra, que tem a petulancia de querer passar por cavalheiresa e decente?

Em toda a parte, mesmo na degradação geral em que se afunda o paiz, Joaquim de Mello Freitas, bacharel formado em direito, 1.º official do governo civil, seria um canalha e um asno.

Em Aveiro é um homem de bem e de talento.

Até 1884 foi republicano. De 1884 até 1890 foi constituinte, foi regenerador, foi tudo. Em 1890, como lhe cheirou a republica voltou a ser republicano. De 1895 em diante tornou a ser tudo.

Não tem politica, como o *Cabecinha*!

Não é, pois, um homem de caracter. Não é, sequer, um homem decente, como se vê, d'esses assaltos a meu irmão. E' calino. Cabe em ridiculos como esse de apregoar a sua democracia por ter casado com a filha do sapateiro.

E Aveiro agasalha-o e festeja-o como o seu filho mais querido e talentoso, abaixo d'essa mediocridade—como o *Povo de Aveiro* pôde demonstrar se quizer—que se chama Jayme de Magalhães Lima.

Este é uma verdadeira mediocridade, onde nunca scintillou um raio de talento.

Mas o outro é um verdadeiro asno.

E são essas as glórias d'Aveiro! A isso chegou a terra onde nasceu José Estevão!

Estou plenamente satisfeito. Mais do que nunca me consolo com toda a lama que d'ahi me arremessam.

F. M. HOMEM CHRISTO.

«O Figueirense»

Entrou no seu 3.º anno de existencia, aquelle nosso illustrado collega.

Felicitemo-lo.

COMPARANDO

O sr. Homem Christo nunca adoulo uinguem, e d'ahi lhe tem resultado varios males e prejuizos. Se tivesse querido seguir outro caminho, haveria subido aonde não subiu, nem subirá, nenhum d'esses politiquinhos da localidade que tantos esforços fazem para subir. Mas o sr. Homem Christo prefere ser um soldado, com a nobre dignidade de um homem, a ser um general coberto de ouropeis d'ignominia.

Nunca adoulo uinguem, nem o povo. Mas, sem adular o povo, estimou-o sempre, trabalhou sem cessar pela sua emancipação, reclamou sempre os direitos e as garantias que lhe competem.

Jayme de Magalhães Lima, Joaquim de Mello Freitas e outros, parecendo muito populares, adulando as multidões, nunca fizeram, no fundo, mais que despreza-las.

E' ver como esse Joaquim de Mello Freitas dizia que, por *nenhum principio de dignidade*, votaria uma lista *ventilada* por *sessenta carpinteiros, marnolos e sapateiros republicanos aveirenses*.

E' ver a prôa com que esse *fidalgão* apregoava ter *honrado* a plebe casando com a filha d'um sapateiro.

N'esse simples pregão vae todo o intimo de *soberbia fidalga* d'esse *democrata* das duzias.

Jayme de Magalhães Lima, a mesma coisa. *Muito boa pessoa*, muito *affavel*, mas cheio de desprezo, no seu intimo, pelas classes populares. Um reaccionario de primeira força, combatendo todas as reivindicações democraticas, um burguez com as mais accentuadas tendencias de *grão-senhôr*.

Mediocres uns, asnos chapados outros, só podem valer pelas sympathias ou pela influencia popular. D'ahi a sua *affabilidade*, que não é mais, no fundo, que uma torpe adulação. Adulam o povo, porque precisam d'elle. Como adulam o sr. Mattoso, que lhes é preciso, como tem adulado, directa ou indirectamente, o proprio sr. Homem Christo, no fim velhaco de lhe *amaciare* a sua independencia.

Adulam tudo aquillo que lhes possa servir. No fundo, nenhum sentimento possuem de grandeza, nenhum espirito os guia, de justiça, ou liberdade.

Até o marechal de Liliput é creado de servir, no mau sentido d'este termo, do sr. Magalhães Lima, por tendencia hereditaria de escravidão, por aspiração nata de grandezas, por desprezo ingenuo das classes populares, d'onde surgiu.

O sr. Homem Christo é precisamente o contrario. Não é *boa pessoa*, não é *affavel*, não tem feitiço algum de laçao. Não é adulator. E' rude nos modos e nos termos. Mas, na fórmula interna, como na externa, é precisamente, em tudo, o contrario dos outros. Ama a justiça e a liberdade com entranhado affecto. Advogou sempre o nivelamento dos homens, repugnando-lhe vivamente que sejam para uns todos os gosos e para outros todos os soffrimentos. Compreende que a civilização tem tudo a ganhar com o aniquilamento d'este regimen de servos e senhores, que ainda domina todo o mundo; que só quando os miseraveis se elevarem ao nivel dos favorecidos, a especie humana caminhará, com segurança, para o grande aperfeiçoamento que o futuro lhe destina.

Ao envez d'essas mesquinhas creaturas, que se julgam vexadas com a simples idéa das classes proletarias se elevarem até ellas, entende que a propria vida moral e intellectual do homem culto teria tudo a ganhar com o alargamento do circulo d'aquelles que valem pelo seu character, pela sua cultura, pela sua intelligencia.

E não descre. Não se esconde atraz do subterfugio das *theorias*, dos *impossiveis*. Não faltam cana-

lhas que, na impossibilidade de negarem a justiça das reivindicações sociaes, justiça que se impõe, tentam justificar a sua criminosa conducta com o subterfugio de que taes reivindicações são impossiveis. O sr. Homem Christo, nem se escondeu jámais atraz d'essa miseravel chicana, nem deixou de acreditar nunca, firmemente, no triumpho da verdade e da justiça.

Nunca o venceu o pessimismo ou o desanimo, atravez de toda a lama que lhe tem arremessado e de todos os obstaculos que encontra no caminho.

Nas questões locaes, o seu papel tem sido importantissimo, como elemento de correção dos partidos. Todos tem que contar com elle e nenhum pôde contar com elle. Apoia-os a todos e repelle-os a todos. Hoje este, que está por baixo, fica amanhã por cima se se encontra com o sr. Homem Christo na defeza dos interesses locaes, interesses a que presida a moralidade e a justiça, porque outros não os defende aquelle nosso amigo. A'manhã desce para baixo novamente o que está por cima, se vae esbarrar nos bons principios.

Este papel, ninguém lh'o pôde negar, por mais que os *Cabecinhas* asneiem e barafustem.

Os partidos locaes equilibram-se pela sua influencia pessoal na opinião publica. A força d'opinião, que elle desloca, é terrivel contra uns ou contra outros.

Este tem sido o seu grande papel na politica local, altamente justo, altamente moralizador, altamente benefico. Papel que elle tem mantido intemerato, sem mira em recompensas de qualidade alguma.

Emquanto todos os outros especulam, todos, enquanto os outros tem sempre em mira interesses pessoaes ou interesses de facção, elle nunca teve outro interesse senão o bem da sua terra aliado ao triumpho da moralidade e da justiça.

Vinte annos de combates dão direito a dizer-se isto altivamente. E, posto isto, comprehende-se o legitimo orgulho com que o nosso amigo acceta appressadamente a affirmação de que não tem sympathias em Aveiro, affirmação feita por um João Ninguem, um imbecil, um miseravel, um especuladorsito ignobil, ás ordens e ao ganho de varios mandões sem capacidade e sem escrupulos.

Esteve no domingo em Aveiro o nosso amigo sr. dr. Abilio Gonçalves Marques, distincto clinico na Oliveirinha.

O «Tim tim»

Quem não o conhecia? Pois coitado, tambem já pagou o seu tributo, passando d'esta para melhor vida.

E assim vão rareando os typos populares de Aveiro, que eram o gaudio dos rapazes!

Que o infeliz mendigo descanse em paz.

Nolvado tragico

Os jornaes estrangeiros publicam um telegramma de Belgrado (Servia) dando conta de um tragico successo, acontecido na povoação de Usiesa, pertencente ao districto d'aquella capital.

Um grupo de camponeses regressavam da igreja acompanhando dois noivos, recém-casados. No caminho, o cortejo foi atacado por uma alcaeteia de lobos, sendo devorados por aquellas feras o noivo, a noiva e vinte dos convidados.

Cá para o occidente, a tragedia parecerá exaggerada em victimas. Mas deve ter-se em conta que nos macios montanhosos da Europa Central e nos planos da Russia as alcaeteias de lobos, no pino do inverno, chegam a ter muitas

centenas d'aquelles ferozes animaes, que, espicados pela fome, atacam as pessoas que encontram isoladas, ou em grupos, nos campos, e que ás vezes levam a sua audacia a atacarem as povoações.

A lua de mel no estomago de um lobo não deve ser muito agradável.

Dizem-nos que os francaceos andam apprehensivos.

Pois ainda nós não começámos! Isto são preludios.

CALINOS

O nosso amigo sr. Homem Christo demonstra, n'outra parte, o valor intellectual d'um dos mais gloriosos calinos de Aveiro. Por incidencia, dá-nos, juntamente, uma amostrinha das *calinadas* do *Cabecinha*. Mas este gato pôdre tem muitas. Quasi tantas como as palavras que escreve.

Querem vêr?

«Vitalidade» de 24 de novembro de 1901:

«Fez hontem 69 annos de idade o sr. conselheiro Francisco de Castro Mattoso. Por isso, foi para sua ex.ª um dia de festa, (esta construcção é d'um litterato de mão cheia) a que de todo o coração nos associamos, festa de annos, é certo, (certissimo) com os espinhos da saudade que o tempo endurece (ou amollece?) mas que tambem por isso tem (este: *mas que tambem por isso tem* está aqui muito bem mettido. Muito bem, muito bem! E' portuguez antigo.) uma pagina de esplendida alegria (pagina de esplendida alegria é bom pensamento, sim senhor) pela vida que representa e pelos affectos que conserva.

Cedendo ás instancias de seu illustre irmão, sr. conselheiro José Luciano de Castro, e, sobretudo, de suas sobrinhas, que por elle são estremosas e a quem não esquece (*a quem, claro é, refere-se a sobrinhas, pensará todo o mundo*. Pois não refere, não senhores, porque o Calino, tal e qual como o sr. dr. Joaquim de Mello Freitas, seu mestre, só escreve *portuguez classico*) e a quem não esquece o carinho e boa companhia que lhe fizeram (este *lhe* agora aqui foi uma *torcidella de nervos n'uma allucinação do cerebro*) durante os dias mais tristes da morte de seu filho... (muito explorada tem sido esta morte por estes pandilhas. Como o sr. Mattoso já deve sentir nojo por elles todos!)

Com finissimo gosto, conseguiu o sr. conselheiro Castro Mattoso fazer d'essa propriedade (na Oliveirinha) uma vivenda deliciosa, onde ás recordações pelo que foi (sempre *portuguez classico*) e que por isso (*e que por isso é parceiro do mas que tambem por isso*. Magistral!) tem uma grande importancia familiar e politica, reúne uma vegetação opulenta (esta de reunir uma *vegetação opulenta ás recordações pelo que foi e que por isso tem uma grande importancia familiar e politica*, é muito bem imaginado.) um parque delicioso, cheio de sombras e de frescuras que bem lembra o busaco, na inteira magestade das suas florestas. (Bravo! Inteira magestade das suas florestas! Grandioso! Grandioso! Principalmente tratando-se da Oliveirinha comparada com o Bussaco. Bravo, bravo, *Cabecinha*!)

Foi, por isso, (cá volta outra vez o *isso* com o *por*, mas agora faltou-lhe o *que* e o *mas tambem*) certamente com verdadeiro pezar, (oh! certamente, sem duvida) que não reuniu alli todos aquelles que mais ama nos seus sentimentos d'alma, (nos *seus sentimentos d'alma* é bonito e faz ecco) aquelles que nada mais podem agradecer ao seu coração (aquelles que nada mais podem agradecer ao seu coração é sublime! Phrasa de mestre! Roubou-a ao dr. Joaquim de Mello? Ou temos nova *torcidella de nervos n'uma allucinação de cerebro?*) do que conservar e amar aquelle ninho suave dos seus affectos, das suas melhores recordações passadas.»

E prompto, por hoje.

Se quizermos continuar, é um nunca acabar.

Mas vá lá sempre mais um bocadinho.

«Vitalidade» de 1 de dezembro de 1901:

«Recordando essa manhã de inverno, (fala de 1640) vëmos n'ella uma pagina da nossa historia que fortifica o coração humano e o chrystalliza na alma portugueza. (Fortificar o coração humano e chrystalliza-lo depois na alma portugueza, é outro pensamento admiravel. Tem-os ás duzias!)

Com os olhos n'esse formosissimo trecho da historia nacional, vëmos n'elle o sentimento de todas as gerações que tem assistido (que tem assistido a quê? Vamos a vêr) ha perto de tres seculos de calor e vida, de liberdade, crença e fé. (E a respeito de sabermos aquillo a que as gerações tem assistido, tres vezes nove, vinte e sete.)

... queremos deixar aqui, n'este dia da nossa festa nacional, um pallido reflexo da homenagem que nos vae na alma... (*pallido reflexo da homenagem que lhe vae na alma* é dos taes que elle tem ás duzias.)

Não é uma hostilidade á Hespanha... E', sim, um traço da nossa alma (o que será *um traço da alma* d'este animalejo?) sobre a memoria honrada d'aquelles (honrada emquanto você não lhe arrumou para cima com o *traço da alma*, que depois não *xe xabe* o que ficon) que abriram, n'uma epopeia gloriosa, as doiradas portas, (esta é a tal *poesia infinita* a que o sr. Homem Christo se refere n'outro lugar) da nossa liberdade no mais lindo canticco d'uma aurora de luz.»

Prompto, prompto. Agora foise. Hoje não ha mais.

Hein? Mas o homem é ou não é gente?

Que coisa tão réles! E é este safardissimo biltre, que copia, d'outras baboseiras já dictas contra o sr. Homem Christo, peridos inteiros das suas actuaes sandices, este *litterato* dos balcões, que enche de admiração *pelo seu talento* os batateiros e os *batatinhas*, que produz pasmos na loja do Ricardo, onde os *cidadões* d'Aveiro ficam boquiabertos deante de tamanha cabeça, o instrumento vingador dos francaceos!

Que biltraria!

E nós a termos de nos referir a estes imbecis!

FALLECIMENTOS

Falleceu em Vizeu o sr. Germano de Andrade, sogro do sr. Joaquim Freire Ruas, tenente de infantaria 14.

Em Almeida o sr. Costa, velho liberal, com quem José Estevão muito privou, pae do sr. Luciano da Costa, capitão de infantaria 12.

Os nossos pezames.

Falleceu no domingo de manhã, na sua casa d'esta cidade, o sr. Joaquim Maria dos Reis Santo Thyrsos. O enterro do honrado negociante, que se realisou pelas 4 horas da tarde d'aquelle dia, foi muito concorrido, prova evidente das sympathias que o extinto gosava entre os seus conterraneos.

A' familia enlutada os nossos pezames.

Após um longo tempo de cruciante soffrer, tambem falleceu na ultima quarta-feira, a sr. D. Rosa Simões, de Sarrazolla.

Era a extincta irmã do sr. padre Manuel Simões Junior, a quem apresentamos o nosso cartão de pezames.

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte

De manhã ás	De tarde ás
3-45 m. (tram.)	1-25 m. (tram.)
5-51 m.	7-37 m.
8-58 m.	10-5 m.

De Aveiro para o Sul

De manhã ás	De tarde ás
6-49 m.	3-46 m.
	5-34 m. (rap.)
	10-43 m.

SAPATARIA REIS

R. DOMINGOS CARRANCHO

(A'S CINCO RUAS)

AVEIRO

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma installação mais apropriada.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de corte, excellentemente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

CONSULTORIO DENTARIO
DE
THEOPHILO REIS
Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra
Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras
R. DIREITA, 58, 1.º
Aveiro

BAGAÇOSALIMENTARES
VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril Singer, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe

Jayme Duarte Silva
ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

“O NORTE”

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.

PUBLICAÇÕES

AMBIÇÃO D'UM REI

ROMANCE PORTUGUEZ

Original de EDUARDO DE NORONHA

illustrado a cores por

Manuel de Macedo e Roque Gameiro

A distribuição nas provincias será feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida.

120 rs.—cada fasciculo—120 rs

Os pedidos d'assignatura podem ser feitos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

A CARTEIRA DO REPORTER

POR

JULIO VERNE

Com esplendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDOEIRA

50 rs. cada semana, no acto da entrega

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume—300

A' venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

BIBLIOTHECA HORAS ROMANTICAS

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. E' esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entrecho e pela sua forma artistica e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol. 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

ALMANAK DO REGISTO CIVIL

(ILLUSTRADO)

Guia do Registo Civil

publicado pela benemerita Associação de Beneficencia propagadora da lei do Registo Civil.

Preço 60 réis

FERRAGENS,

zinc, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES
AVEIRO

ALVARO DE MORAES FERREIRA

MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 12 a 14

Bibliotheca HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1 vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

NOVIDADE LITTERARIA

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

PARÁ E MANAUS



Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil, passagens em 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, em todas as companhias de paquetes, a preços reduzidos. Vapores a sair de Leixões e Lisboa.

As passagens tomadas n'esta agencia gosam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas companhias ao srs. passageiros; tambem se sollicitam passaportes e trata-se de obter no Porto e nas provincias todos os documentos necessarios para os mesmos.

Passagens gratis

Concedem-se a familias de agricultores, para o Estado de S. Paulo, pelos paquetes de 13 de cada mez em Leixões

Para mais esclarecimentos, dirigir nos agentes habilitados, em harmonia com a lei.

Africa Occidental

Paquetes em 6 e 21 de cada mez.

ABEL, PAULO & PEREIRA

82, PRAÇA DA BATALHA, 83

(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

PORTO

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sohejo (Luz. Can.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papeleria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros. Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida). Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada. Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas. Louças de porcelana, quinquilharas, bijouterias, perfumarias (importação directa). Flores artificiaes e coróas funerarias. Ampliações photographicas. Encadernações. **N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.**

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Vinho de Bucellas

O legitimo vinho de Bucellas só se vende em Aveiro no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe.

AVEIRO